

Reinos Africanos Mali e Congo e Cultura Afro-brasileira para a turma 107

Vishnu Priya Shaki Celestrino

RESUMO

Este trabalho apresenta a atividade desenvolvida dentro do PIBID História/UDESC. Trata-se do planejamento de uma aula para uma das turmas do 1º ano do Ensino Médio no Instituto Estadual de Educação de Santa Catarina. Essa atividade teve o objetivo de trabalhar os seguintes conteúdos: os reinos africanos Mali e Congo e cultura afro-brasileira. Optamos pela aula expositiva dialogada, utilizamos como fonte para análise a Carta Mandinga do século XIII do Reino Mali para dar início ao conteúdo, além de imagens como os adinkras, retirados do livro Adinkra: sabedoria em símbolos africanos, de Elisa Larkin Nascimento e mapas, referências bibliográficas para guiar o planejamento e realização da aula. Como resultado pudemos notar a diferença do início da aula, quando perguntados o que lhes vem na cabeça quando pensam em História da África e como suas respostas alteraram de uma percepção permeada por colonialismo para respostas com maior repertório e conhecimento histórico, cultural e social.

Palavras-chave: África, Reinos, Afro-brasileira, fonte, planejamento.

INTRODUÇÃO

No presente relato, aborda-se sobre a experiência de planejar e aplicar uma aula para a turma 107 do Instituto Estadual de Educação de Santa Catarina, cujo objeto de estudo foram os Reinos Mali e Congo e a Cultura afro-brasileira. O objetivo da aula foi gerar compreensão acerca da formação dos reinos citados e valorizar a cultura africana no Brasil.

É necessário destacar que a concepção deste trabalho se deve à diversas parcerias que fizeram e fazem parte de minha jornada enquanto graduanda cursando licenciatura em História e bolsista PIBID na Universidade do Estado de Santa Catarina, como minha colega Rafaela Fernandes de Souza, a qual foi minha dupla durante maior parte do PIBID no Instituto Estadual de Educação e com quem partilho a realização deste trabalho e experiência. Para além da parceria de Rafaela, destaco o professor que foi nosso supervisor no Instituto Estadual de Educação, professor Assis Felipe Menin e nossa professora orientadora, Núcia Alexandra Silva de Oliveira, que foi pilar essencial neste projeto.

Dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência coloca-se o ensino de História não apenas como prática, mas também como objeto de pesquisa, enfrentando o pesquisar ensino de História enquanto espaço de fronteira¹, colocando-nos como não apenas professores em formação, mas também pesquisadores, gerando um diálogo



confluyente com os saberes da área de referência, do campo de Ensino de História e dos nossos estudantes², buscando sempre problematizar as diferentes tensões que permeiam passado e presente. Levando em consideração a escola como também espaço de produção de conhecimento, vê-se a importância de analisar não apenas o que os alunos apreendem através do professor, mas também o que aprendemos nessa troca concomitantemente. Através deste relato, portanto, pretende-se abordar esses aprendizados e desafios, além dos resultados obtidos através das metodologias aplicadas.

O planejamento de uma aula, como demarca Nilton Mullet Pereira³ é um gesto político, pedagógico e ético e que se constrói a partir de um recorte; o recorte escolhido para essa atividade foi determinado pelo planejamento do professor supervisor, o qual nos pediu a realização desta aula; e a nossa base de pesquisa e o tempo previsto de acordo com o planejamento. Poderiam ter sido abordados muitos mais reinos africanos, porém dado o curto tempo para a aplicação destas aulas, foi optado por reduzir a dois principais: Mali e Congo, conjuntamente destes mostrando a existência de outros, como Gana. Dentro dessa escolha política, pedagógica e ética, foi anexado ao planejamento abordar sobre cultura afro-brasileira, buscando gerar a valorização desta, além da aproximação e identificação através dos diversos elementos de cultura observados no cotidiano dos alunos, partindo do que já está presente em seus repertórios culturais, histórico e sociais e ampliando-os.

Dentro desse planejamento, as metodologias utilizadas foram aula expositivo-dialogada, uso e análise de fonte, slides contendo tópicos, imagens, mapas, trecho de filme e ao fim perguntas específicas para termos um registro físico dos resultados obtidos, além de através das respostas observar se algum assunto necessitaria ser repassado para melhor entendimento.

Através da aplicação desta aula, pudemos observar que o objetivo de expansão de repertório e consciência histórica dos alunos em relação ao continente africano, aos reinos tratados e à cultura afro-brasileira havia sido atingido, quiçá não de forma total, mas de forma geral e satisfatória. Além de receber devolutivas positivas quanto à didática, o que é um dos desafios enfrentados dentro da formação na licenciatura, o desafio da transposição didática, para melhor adaptar a linguagem e compreensão acerca dos conteúdos.

Sendo a educação uma via de mão-dupla, onde ensinar não se pretende ser uma prática de apenas transferir conhecimento (apesar do uso da expressão “transposição didática”), mas sim um espaço de possibilidade de produção ou construção do conhecimento. Como destacado por Freire (P. 13, 1996), o educador nesse processo também se constrói e aprende, e



eu, como estudante de licenciatura em História, tendo passado por essa experiência da sala de aula através do PIBID, trago com meu relato o quanto também aprendi.

METODOLOGIA

As metodologias utilizadas para a realização desta aula como citado anteriormente, foram o formato de aula expositivo-dialogada, a qual teve como pontapé inicial a pergunta: “O que vem em mente quando se fala sobre História da África?”, buscando saber o que permeava o imaginário e repertório dos alunos referentes à temática, ao passo que as respostas foram majoritariamente citando aspectos ligados à colonização. A palavra mais citada foi “escravidão”, havendo algumas exceções como alunos que citaram a quantidade de países que compõe o continente africano e a palavra “máscaras”. A partir dessas respostas, solidificou-se mais ainda o objetivo de que através da aula o repertório e consciência histórica dos alunos fosse expandido.

A seguir, foi realizada uma breve análise de fonte com a Carta Mandinga, que foi criada pelo povo mandinga/malinké no século XIII e repassada através da oralidade, sendo tombada pela UNESCO em 2009 como Patrimônio Imaterial da Humanidade. É interessante como pouco se conhece sobre a Carta Mandinga, sendo uma fonte que a maioria de meus colegas da graduação por exemplo, desconheciam. É interessante trazer esse documento como uma das primeiras formas, - senão a primeira que se tem conhecimento atualmente -, de declaração de direitos humanos e constituição, subvertendo a narrativa comum de que a primeira declaração dos direitos humanos tenha sido a de 1789 na Revolução Francesa ou a proclamada pela ONU em 1948.

Foi entregue aos alunos uma folha contendo alguns artigos destacados da Carta Mandinga, como:

“Artigo 9: A educação das crianças compete à comunidade. A paternidade é responsabilidade de todos.”; “Artigo 16: As mulheres, para além das suas ocupações cotidianas, devem estar associadas a todos os nossos governos.”; “Artigo 24: Nunca faça mal aos estrangeiros.”; “Artigo 42: Nas grandes assembleias, esteja satisfeito com os legítimos representantes e tolerem-se uns aos outros.” ; entre outros, trazendo pelo menos alguns de cada módulo, os quais são: “I. Da organização social”; “II. Dos Bens Artigo”; “III. Da preservação da natureza”; “IV. Disposições Finais Artigo”.

A carta num total contém 44 artigos e os os destacados para a atividades foram 13. E foi pedido que os alunos analisassem e destacassem o que achavam interessante ao ler esses



artigos e o que observavam de semelhanças e diferenças entre esses artigos e a atual Constituição Brasileira e os discursos políticos vigentes, por exemplo, no que tange às mulheres, aos estrangeiros e à responsabilidade social na criação das crianças.

Após, iniciou-se a parte mais expositiva da aula, tratando da formação do Reino Mali, onde ao que se trata do Reino Congo também, foi muito mobilizado com os alunos conceitos tais como império, Mansa, Manicongo e as implicações materiais desses conceitos dentro dessas sociedades, para além de apenas significados tirados do dicionário.

Sobre o Império Mali tratou-se então de como ocorreu sua formação, como constituiu-se enquanto império através do enfraquecimento de Gana e da conquista e dominação militar de outras regiões e como passou a cobrar impostos desses povos conquistados. Além disso, foi mostrado como ocorreu a maior incorporação da religião islâmica no império e o papel do Mansa na hierarquia social, enquanto representante máximo dos costumes ancestrais da comunidade⁴. Neste contexto, destacou-se Mansa Musa e seu papel na maior incorporação da fé islâmica dentro da sociedade malinké, através de construções de mesquitas e como trouxe poetas, sábios e conhecedores da fé muçulmana na sua volta da peregrinação à Meca, a qual foi ilustrada para a turma através de um mapa mostrando as principais cidades pelas quais passou e a rota que teria tomado, usando deste evento como também estratégia política, causando diferentes impactos pelas cidades pelas quais passava. Por fim, foi mostrado como ocorreu o enfraquecimento do império no século XVI por conta da dificuldade de gestão de tantos territórios, rivalidades internas e surgimento de novos poderes no cenário político da África Ocidental.

Acerca do Reino Congo, foi destacado como eles se articularam frente ao comércio missionário dos portugueses realizado no final do século XV, aproveitando das “conversões ao cristianismo” para acordos políticos e econômicos. No que tange à religião, foram abordados os aspectos de ampliação da cristandade e o papel das igrejas, o sistema de trocas e distribuição, as razões da conversão e o significado da cruz para os portugueses e para os congoleses, enquanto para os portugueses era uma representação da salvação cristã, para os congoleses tornou-se um símbolo político e cultural. A seguir, foi apresentado aspectos da vida social no reino, como a vida cotidiana era estruturada por linhagem e o chefe é o ancião, cada chefe tendo seu conselho. Analisou-se a imagem do crucifixo congolês para os alunos observarem essa junção da identidade africana junta do cristianismo.

Após, foi mostrado através do site geacron.com as mudanças de ambos os reinos, suas formações e como ficaram após seus apogeus. O uso de mapas é muito útil no ensino de História nessa interconexão com a geografia, é necessário saber de que localidade se está



tratando, aonde aquele povo vivia, aonde estavam geograficamente, quais rotas foram feitas, e com esse site, as mudanças ocorridas através dos séculos.

Posteriormente, foi apresentado um trecho do filme *La Noire De*, de Osmane Sembène. O trecho mostrado foi a parte final, na qual um menino pega a máscara que o ex-patrão de Diouana, - que foi junto dele e a esposa para a França para ser babá, se vê diante de trabalho escravo e longe da família, sem ter como voltar e cometendo suicídio -; devolve à família de Diouana junto de suas coisas, oferecendo dinheiro como se pudesse reparar o que foi feito. Porém para os alunos foi mostrada apenas essa cena final do menino seguindo o homem com a máscara no rosto, o qual foge desesperado. Ao fim, o menino retira a máscara, mostrando seu rosto para a tela. Com esse trecho, foram mobilizadas questões através desse simbolismo, para trazer conexão com temas tratados anteriormente e posteriormente, como arte e colonização.

Ao falar sobre cultura afro-brasileira, foram trazidos alguns elementos através de imagens, como a capoeira, o acarajé, o próprio português brasileiro, repleto de influências africanas e indígenas, a feijoada, o maracatu e os adinkras, os quais aparecem tanto na arquitetura em portões e janelas, mostrando os desenhos e os significados que carregam consigo.

Ao fim, foram passadas as seguintes 4 perguntas para que os alunos respondessem sem pesquisar: 1. O que você entendeu da Carta Mandinga?; 2. O que você entendeu sobre o Mansa e o Mali; 3. O que você entendeu sobre o Congo Católico?; 4. O que você entendeu sobre o crucifixo do Congo?

Essas perguntas foram passadas para termos a devolutiva se haviam compreendido o que foi tratado sobre pontos principais da aula e quais dúvidas poderia haver para que pudessemos reforçar alguma informação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como principal base teórica, utilizamos o livro de José Rivair Macedo, “História da África” e “Além do visível: poder, catolicismo e comércio no Congo e Angola (séculos XVI e XVII)” de Marina de Mello e Souza.

A Carta Mandinga foi uma fonte utilizada para análise e ponto de mobilização de debate e diálogo com os estudantes, além de trazermos uma introdução deste através de estudos como a conclusão de doutorado de Victor Martins de Souza, com “A aljava e o arco:



o que a África tem a dizer sobre Direitos Humanos – um estudo da Carta Mandinga.” e “Os Direitos Humanos em Tradições Oraís Africanas: um estudo da Carta Mandinga.”

Para falar sobre os adinkras, usou-se como base o livro “Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.”, organizado pela Elisa Larkin Nascimento, do IPEAFRO.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

____ Foi perceptível a atenção constante dos alunos durante as aulas, creio que isso embora se deva em maior parte por eu e minha colega sermos novidade numa aula para eles, também se deu pelo constante diálogo com a turma. Tendo em mente o que foi trazido por Freire (P. 13, 1996), da construção e produção do conhecimento enquanto algo que se dá por esforço e atenção conjunta do professor e do aluno. Aquela turma, como as outras turmas as quais convivemos em 2025 no Instituto Estadual de Educação, era uma turma cheia e repleta de conversas durante as aulas, mas essas conversas, que tantas vezes são vistas como “barulho”, são na realidade um elemento que faz parte da escola enquanto não apenas “espaço de aquisição do conhecimento, mas também como local de sociabilidade”, apontado por Fernando Seffner em “Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação”. E esse elemento é muito proveitoso para atividades que requerem debates e diálogos, tirando a unilateralidade do ouvir apenas do aluno e expandindo-o ao professor também, tomando conhecimento de como o estudante se relaciona com o objeto de conhecimento tratado.

Os feedbacks ressaltaram positivamente o uso de imagens e como as perguntas finais foram focadas em entender o que os alunos haviam compreendido e não esperando respostas exatas, apenas como métrica do que havia sido apreendido e o que deveria ser retomado.

____ As respostas mostraram como o objetivo de expandir o repertório e consciência histórica dos alunos acerca do conhecimento acerca dos Reinos Mali e Congo foi satisfatoriamente realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável como essa aula apesar de possuir muitos elementos, poderia ter sido muito mais longa e densa, aprofundando mais sobre os Reinos referidos e trazendo outros Reinos africanos e mais conexões geopolíticas acerca das sociedades nesse período. Porém tendo esse



pequeno espaço no plano de aula do professor supervisor, foi desta maneira que se pôde realizar as aulas. Aí há uma crítica a muitos planos anuais escolares, que deixam um espaço pequeno para temáticas referentes aos povos africanos, sendo algo tratado de maneira mais corrida e superficial em comparação à maioria das temáticas que são eurocentradas, em específico no caso do 1º ano do Ensino Médio, em que se estuda majoritariamente durante o ano escolar Histórias Antigas gerais e História Medieval, focando especialmente no continente europeu, e deixando esse espaço pequeno para História Antiga da África apenas para cumprir com as normas da BNCC e cabe a nós, enquanto futuros professores lutarmos contra isso em prol da construção de uma educação histórica anti racista e global.

É muito efetivo e interessante trazer diferentes elementos para a aula, como imagens, mapas, trechos de vídeo, análise de fonte, coisas que tragam movimento e cor para o momento de aprendizado, para além da parte expositiva, que tem bastante importância e que juntamente com esses outros elementos, cria um resultado coeso e de certa forma, harmonioso, visto pelo menos do ponto de vista desta minha experiência.

O espaço do diálogo em sala de aula é essencial para que se estabeleça uma ponte entre professor e aluno, e entre o aluno e o objeto de conhecimento. Não é sobre apenas aprender, mas compreender o assunto tratado, criar interesse, identificação, internalização sobre o que foi aprendido, para que não se torne apenas uma informação em que se lembra até o dia da prova, mas algo que agregue à consciência histórica, que esta quando se expande e entende toda história humana enquanto parte de si, compreende que toda história também lhe pertence, e História passa a não ser mais apenas uma disciplina obrigatória na escola, necessária para que passe de ano, mas um meio de entender mais sobre si, os outros e o mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha colega Rafaela Fernandes de Souza, ao professor Assis Felipe Menin, a nossa professora orientadora, Núcia Alexandra Silva de Oliveira e à minha professora de História da África, Tathiana Cassiano, que me apresentou à Carta Mandinga e me recomendou as bases bibliográficas, a todos, meu muitíssimo obrigada por todos os ensinamentos e parceria.



REFERÊNCIAS

¹ MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, jan./abr. 2011.

² ROSSATO, Luciana; OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de (org.). *Experiências de ensino de história no estágio supervisionado*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023.

³ PEREIRA, Nilton Mullet. Planejar a aula de História: gesto político, pedagógico e ético. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 27, p. 1-18, e-23311.047, 2024. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acesso em: 7 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

⁴ MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2014.

SOUZA, Victor Martins de. *A aljava e o arco: o que a África tem a dizer sobre Direitos Humanos – um estudo da Carta Mandinga*. São Paulo, 2018, 244. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

SOUZA, Marina de Mello e. *Além do visível: poder, catolicismo e comércio no Congo e Angola (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Edusp, 2018.

SOUZA, Victor Martins de. *Os Direitos Humanos em Tradições Oraís Africanas: um estudo da Carta Mandinga*. COLABOR, 2018. Trabalho de conclusão/doutorado (Doutor em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2025.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; SÁ, Luiz Carlos. *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

